



## A PANDEMIA COVID-19 CONTADA POR MULHERES: UM RECORTE DE PROFISSIONAIS DA SAÚDE

HELEN CARVALHO GOMES SOARES<sup>1</sup>; RAFAELA SOARES VILLAR<sup>2</sup>; DARA PEREIRA RODRIGUES<sup>3</sup>; PROFA. DRA. CAMILA PEIXOTO FARIAS<sup>4</sup>; PROFA. DRA. GIOVANA FAGUNDES LUCZINSK<sup>5</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – heelensoares@gmail.com

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas – rafaelasvillar@gmail.com

<sup>3</sup>Universidade Federal de Pelotas – dara.rodrigues46@gmail.com

<sup>4</sup>Universidade Federal de Pelotas – pfcamila@hotmail.com

<sup>5</sup>Universidade Federal de Pelotas – giovana.luczinsk@gmail.com

### 1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho surge a partir da pesquisa “Agora é que são elas: a pandemia COVID-19 contada por mulheres”, uma iniciativa vinculada ao curso de Psicologia da Universidade Federal de Pelotas (UFPel) em parceria com a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Essa pesquisa visa construir saberes interdisciplinares e dialogados acerca das possíveis repercussões psíquicas da diversidade de realidades vivenciadas por mulheres durante a pandemia de COVID-19. Dentro dos cursos de Psicologia de ambas Universidades, a pesquisa se estrutura a partir de três grupos de estudos e pesquisa distintos, o Pulsional (Núcleo de estudos e pesquisa em Psicanálise), o Époché (Laboratório de pesquisas em Fenomenologia e Psicologia Existencial) e o Marginália (Laboratório de Psicanálise e estudos sobre o contemporâneo).

O atual contexto da pandemia de COVID-2019 deflagra diversas desigualdades sociais, já anteriormente experienciadas, porém, por vezes, invisibilizadas aos olhares cotidianos. Pensamos que a pandemia está evidenciando tais desigualdades, visibilizando ainda mais vulnerabilidades, intensificando violências e silenciamentos. Assim, devido a conjuntura do sistema político e social vigente, marcado pela lógica desigual própria do capitalismo, a pandemia produz impactos distintos em diferentes grupos sociais. Segundo HARVEY (2020), se trata de uma pandemia de classe, raça e gênero. Dessa forma, entende-se a pandemia de COVID-19 para além de somente uma crise sanitária, sendo também uma crise psicossocial.

A partir disso, torna-se imprescindível analisar o contexto do cenário atual e as suas reverberações sob a perspectiva de gênero, visto que as mulheres pertencem a um grupo social marcado por violências múltiplas, como agressões físicas, psicológicas, desigualdade socioeconômica e acúmulo do trabalho doméstico com o formal. Além disso, salientamos que a categoria “mulheres” não está posta aqui como um grupo homogêneo, mas compreendendo diversos marcadores sociais de raça, classe, orientação sexual, cis-trans-identidades, maternidade, entre outras. De acordo com a ONU (2020), as mulheres sofrerão impacto desigual durante e pós pandemia, principalmente aquelas que estão à margem da sociedade, especialmente mulheres que vivem em países do sul global como é o caso do Brasil.

Um dos recortes possíveis para conduzir uma investigação sob a perspectiva de gênero é o de trabalhadoras da área da saúde, que compõem 70% de profissionais que estão na linha de frente do combate ao COVID-19 (ONU, 2020). No contexto da pandemia, tem-se apontado para as dificuldades



enfrentadas pelo grande grupo de profissionais da saúde, entretanto, pouco se tem atentado para as especificidades das mulheres, o que aqui pretendemos abordar. Logo, com o presente trabalho, objetiva-se discutir as possíveis repercussões psíquicas das profissionais de saúde no contexto de pandemia de COVID-19.

## 2. METODOLOGIA

A coleta de dados da pesquisa “Agora é que são elas: a pandemia COVID-19 contada por mulheres” foi realizada através de um questionário online voltado para as mulheres brasileiras, residentes ou não no Brasil. O questionário continha 32 questões, incluindo perguntas objetivas e abertas de caráter reflexivo. Perguntas essas que denotavam marcadores sociais e também que visavam proporcionar um espaço de construção de narrativas. A ferramenta para resposta foi divulgada em diversas redes sociais a partir do dia 24 de maio de 2020 e ficou disponível até 07 de junho de 2020. Obteve-se em torno de 6000 respostas, sendo dessas 602 mulheres que atuam como profissionais de saúde. Cabe ressaltar que a pesquisa segue as determinações da Resolução do Conselho Nacional de Saúde, nº 510, de 07 de abril de 2016 que normatizam as condições das pesquisas que envolvem seres humanos, aprovada no CEP com o número CAAE: 31203220.3.0000.5317.

A análise desses dados foi realizada a partir do método psicanalítico e fenomenológico, os quais não tem como objetivo alcançar respostas únicas, universais e replicáveis (FIGUEIREDO, MINERBO, 2006; MOREIRA, 2002). Essa escolha metodológica implica uma postura investigativa que parte de uma epistemologia situada, ou seja, comprometida com os atravessadores sociais e com o lugar de onde falam as pesquisadoras e respondentes. Utilizamos a seguinte pergunta disparadora: “Nesse momento de pandemia, quais os efeitos na sua vida de ser uma trabalhadora da saúde?”

Esse método propõe um mergulho existencial e um distanciamento reflexivo, de modo a organizar os dados com base nos afetos, sentidos e significados. Ao passo seguinte, após identificar a pluralidade de afetos atravessados nos discursos das participantes, para construir a organização dos dados, foi realizada a elaboração de categorias de análise. Estas foram postas em diálogo com teorias contemporâneas, em busca de maior aprofundamento, construindo um saber situado sobre o fenômeno abordado.

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados das análises realizadas sob esse recorte se dividiram em duas categorias, nomeadas aqui como: “Equilibristas na corda bamba: a saga da heroína” e “Na encruzilhada do cuidado: isoladas de nós mesmas”. A escolha pela divisão nesses dois eixos se deu, não somente pela repetição e número de respostas similares, mas, também, pelo que as leituras produziram no campo dos afetos, tendo em vista as subjetividades que atravessaram as pesquisadoras. Abordaremos, então, as facetas da análise de ambos os eixos e suas implicações.

Um dos pontos a ser destacado sobre a vivência dessas mulheres, que se agrava durante o período da pandemia, é a intensificação das jornadas de trabalho duplas que já eram presentes no cotidiano que antecede a pandemia. Socialmente, o papel de cuidadora e detentora do trabalho doméstico é relegado às mulheres, enquanto posição de subordinação e ausência de remuneração (FEDERICI, 2017). Dados da Pesquisa Nacional por Amostra (PNAD), do instituto Brasileiro de Geografia (IBGE), no ano de 2018 os trabalhos domésticos eram 92,2% realizados por mulheres e 78,2% por homens. Além disso, demonstra-se que as mulheres se



dedicam 21,3 horas semanais para as atividades domésticas, enquanto os homens se dedicam 10,9 horas semanais. Por esse motivo, FONSECA e PAGLIARINI (2020) consideram o espaço privado da casa uma linha de combate invisibilizada.

O eixo “equilibradas na corda bamba: a saga da heroína” revela diversas das questões relacionadas à sobrecarga anteriormente citada. Mulheres que relatam em suas respostas uma ambiguidade de sentimentos em relação a sua experiência com o trabalho, ora sentindo gratificação pelo reconhecimento essencial da profissão nesse momento, ora medo relacionado aos riscos de contaminar e ser contaminada. Aparece, também, o receio de não dar conta de todas as demandas, sejam elas domésticas ou profissionais. Além disso, aponta-se, por meio dos relatos, a falta de uma rede de apoio, gerando a sensação de desamparo, solidão e exaustão.

Já no eixo “Na encruzilhada do cuidado: isoladas de nós mesmas”, denota-se que no contexto de pandemia, fica ainda mais evidente o quanto as exigências de cuidado às outras pessoas – seja no âmbito profissional, seja no âmbito pessoal – comprometem de forma significativa as possibilidades das profissionais da saúde cuidarem de si mesmas. Além disso, ficou flagrado o quando essas profissionais são colocadas em nossa sociedade no lugar de quem deve cuidar e não são vistas como alguém com necessidade de receber cuidado. Portanto, essas mulheres assumem a posição de quem precisa manter a fonte de amparo, contenção e segurança para as pessoas com as quais convivem. Então, pode-se pensar as dinâmicas aqui apresentadas como produtoras de adoecimento, tanto físico quanto psíquico, demonstrando a importância de refletir sobre essas realidades para que possamos construir estratégias de promoção de saúde, principalmente no que se refere à saúde mental.

#### 4. CONCLUSÕES

A partir da discussão proposta, evidencia-se a necessidade da construção de políticas públicas que atentem para às especificidades de gênero dentro do campo de trabalhadores da saúde. Além disso, é fundamental pensar os impactos produzidos pela pandemia nos grupos marginalizados, não somente com o intuito de reparação de danos à saúde, mas nos seus múltiplos campos de existência, como moradia, alimentação, acesso a serviços de saúde, equipamentos que possibilitem biossegurança, etc.

Ademais, entende-se a importância da pesquisa enquanto produtora de saberes situados para que não haja uma reprodução de modelos que visem uma homogeneidade, invisibilizando outras formas de existências que não atendam aos padrões da sociedade patriarcal. Logo, compreende-se a produção de saberes feita por mulheres para mulheres como um caminho possível para a desestabilização de modelos tradicionais de pesquisas que visam um distanciamento entre pesquisador e sujeito pesquisado, trajando-se de uma neutralidade inexistente.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FEDERICI S. **Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva**. São Paulo: Elefante; 2017.

FONSECA, JKMR, PAGLIARINI A.C. A sobrecarga da jornada ininterrupta da mulher na pandemia: mais um caso de desigualdade de gênero. In: Rodrigues CE, Melo E, Polentine MJ, organizadores. **Mulheres e pandemia**. Volume 1. Salvador:



Studio Sala de Aula; 2020.

FIGUEIREDO L. C., MINERBO M. Pesquisa em psicanálise: algumas idéias e um exemplo. **Jornal de Psicanálise** [internet]. 2006 [acesso em 2020 ago 21]; 39(70), 257-278. Disponível em:  
[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-58352006000100017&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-58352006000100017&lng=pt&tlng=pt).

HARVEY D. Política anticapitalista em tempos de Covid-19. In: Davis M, et al. **Coronavírus e a luta de classes**. Brasil: Terra sem Amos; 2020. p. 5-12.

IBGE, **Pesquisa Nacional Por Amostra de Domicílios** (PNAD). (2018).<https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/habitacao/9127-pesquisa-nacional-por-amostra-de-domicilios.html?=&t=o-que->

MOREIRA DA. **O método fenomenológico na pesquisa**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning; 2002.

ONU Mulheres. Covid-19: **Mulheres à frente e no centro**. ONU Mulheres Brasil [internet]. 27 mar 2020. [acesso em 2020 ago 20]. Disponível em:  
<http://www.onumulheres.org.br/noticias/Covid-19-mulheres-a-frente-e-no-centro>.